

jornal

PERSPETIVA

online

Viver é uma arte,
escrever faz parte.
Escreve!

Visita-nos no site da nossa escola
www.escolasjoaodearaujocorreia.com

Caros leitores

No final do ano letivo, apresentamos mais uma versão do jornal do Agrupamento de Escolas.

Tentando constituir uma montra das capacidades dos grupos profissionais que constituem a nossa comunidade, publicamos textos de opinião, resultantes da investigação e da criatividade dos nossos alunos, assim como textos noticiosos da vida escolar e outras tipologias.

Não tem sido fácil concretizar o projeto, que tem sofrido condicionalismos de várias ordens, nomeadamente em termos horários e de articulação entre as várias unidades orgânicas do Agrupamento. No entanto, não quisemos deixar de assumir o compromisso, pelo que vimos agora fazer-vos chegar uma panorâmica do trabalho desenvolvido.

A equipa deste jornal agradece a todos os colaboradores que tornaram possível esta publicação.

Peso da Régua, maio de 2016

A equipa responsável

O AMOR

Desde a pré-história que o ser humano tem sentimentos por alguém ou por coisas que têm um valor sentimental específico. Este sentimento, que costumamos apelidar de amor, será apenas um fenómeno sentimental ou terá também influências biológicas e químicas?

Existe atualmente uma ciência, chamada de Neurociência, que tem vindo a explicar o “amor” sob uma perspetiva química. A doutora Helen Fisher, professora de antropologia na Rutgers University e investigadora do comportamento humano, tem vindo a estudar a atração romântica e impessoal há cerca de 30 anos e afirma que, quando vemos a pessoa amada ou o nosso objeto de desejo, o corpo liberta substâncias como a oxitocina, que é uma hormona, e a serotonina e a dopamina, ambos neurotransmissores.

Quando a pessoa vê o ser amado, ocorre uma ativação no nosso sistema límbico (o sistema límbico compreende todas as estruturas cerebrais que dizem respeito às emoções, memória, inteligência, etc.), fazendo com que o cérebro segregue substâncias como a dopamina e a serotonina, que provocam reações muito fortes. Ao ver o objeto de desejo, a produção de dopamina e serotonina aumenta, associando-se a primeira à energia excessiva, euforia e atenção focada no ser amado, enquanto a segunda se associa ao aumento da felicidade que a pessoa sente consigo mesma.

Será o amor um vício? Uma pergunta que vários investigadores se têm colocado. Sim, o amor pode ser considerado um vício, pois a produção de dopamina, quando aumenta, pode provocar dependência, euforia e interesse, que são sintomas muito parecidos aos de um vício. Portanto, do ponto de vista científico, o amor é um fenómeno neurobiológico complexo, baseado em atividades cerebrais denunciadoras ou ilustrativas de confiança e prazer, atividades estas que envolvem um número elevado de neurotransmissores químicos.

Concluindo, o amor é definitivamente um sentimento que predispõe o bem de alguém, é um sentimento de afeto ou extrema dedicação, um sentimento que nos impele para o objeto dos nossos desejos e uma adoração por alguém ou alguma coisa, mas essa adoração e esse afeto têm uma explicação científica e biológica.

FELICIDADE

“Felicidade é a certeza de que a nossa vida não está se passando inutilmente.”

Érico Veríssimo

São inúmeras as designações de felicidade com as quais nos vamos cruzando por aí e dando de caras no nosso quotidiano. Mas afinal, qual será o verdadeiro significado da palavra *felicidade*? Originária do latim *felicitas*, felicidade quer dizer “estado de satisfação; estado de contentamento; sorte; êxito; bem-estar...”. Será esse o verdadeiro sentido da palavra?

Na minha opinião, a felicidade é de facto o bem-estar e a satisfação presente na vida de qualquer pessoa, embora existam muitas opiniões que vão contra esta maneira de pensar. A partir daqui, podemos ter em conta dois tipos de felicidade, tipos que são os mais comentados e argumentados por toda a sociedade.

De um lado temos a felicidade partilha. Quer isto dizer que se considera que a felicidade só é verdadeira, caso seja partilhada. Situação que, a meu ver só ocorre dado que a pessoa em questão se vê incapacitada de alcançar a felicidade por conta própria, ou seja, está dependente de uma outra pessoa para se sentir completamente realizada e em pleno bem-estar. Podemos verificar este tipo de situação, por exemplo, em jovens raparigas e/ou rapazes que vêm o amor como a única saída para se sentirem bem com eles próprios e, por conseguinte, agem somente em função de encontrar alguém que permaneça junto deles no dia-a-dia.

Do outro lado temos a felicidade por conta própria. Quer isto dizer que, não descartando a primeira ideia de felicidade partilhada, considera-se que a felicidade pode e deve também ser construída com base nos feitos pessoais, sem depender de qualquer força exterior para atingir o maior estado de satisfação. Ou seja, devemos dedicar-nos e trabalhar sobre aquilo que é realmente importante para nós e tentar sempre fazer o melhor possível, mas aqui sem procurar os outros para isso. Por exemplo, no trabalho, devemos ter em conta apenas o nosso esforço e não tentar suportarmo-nos noutra pessoa para atingir o lugar desejado.

Com efeito, podemos verificar realmente que existem vários tipos de felicidade, mas o verdadeiro é e será sempre aquele que consta no dicionário... A partir dele é que podemos criar os nossos próprios conceitos. Relativamente ao que eu penso, vejo-me dividida entre os dois ‘conceitos’ referenciados acima, agindo sempre em função dos dois, dependendo da situação com que me deparo.

Ana Isabel Almeida, 12º D

SONHO

Os sonhos são sucessões de imagens, ideias e sensações que ocorrem involuntariamente no nosso cérebro, durante certos momentos do nosso sono.

Ao longo dos anos, muitos cientistas tentaram responder às mais variadas perguntas sobre o sonho, como “Porquê?” ou “Como?”, mas nunca se conseguiu chegar a um consenso definitivo.

Durante a história da humanidade, houve várias teorias para explicar a razão do sonho. Culturas e religiões, como a grega ou a romana, consideravam os sonhos como sinais divinatórios e que eram previsões do futuro.

Sigmund Freud, que influenciou fortemente o campo da psicologia, afirmou que os sonhos eram uma representação de desejos e pensamentos inconscientes. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1899), Freud desenvolveu uma técnica psicanalítica para interpretar os sonhos.

Há pessoas que dizem sonhar muito, outras afirmam que, praticamente, não sonham, mas, em média, cada ser humano passa duas a três horas a sonhar, podendo ter três a cinco sonhos. Cada um de nós pode passar, durante a sua vida toda, seis anos a sonhar. O facto de muitas pessoas não se aperceberem disto é porque, passados 10 minutos de termos um sonho, esquecemo-nos de mais de 90% deste.

A ciência que estuda tudo o que diz respeito aos sonhos é a onirológia. Através desta, descobriu-se que existem várias fases durante o nosso sono. Os nossos sonhos são mais intensos na fase REM (Movimento Rápido dos Olhos). Nesta parte do sono, os nossos olhos movimentam-se rapidamente e a atividade cerebral é bastante elevada, sendo semelhante à de quando estamos acordados. A única diferença é que o cérebro envia sinais para a medula espinal, paralisando, temporariamente, o nosso corpo.

Um papel importante que o nosso cérebro desempenha durante o sono é descarregar o excesso de informações. Quando sonhamos, aquele tenta resolver problemas que encontramos no nosso dia-a-dia e certas regiões do mesmo usadas na aprendizagem são estimuladas. Está provado que pessoas privadas de sono REM apresentam menor capacidade de aprendizagem do que o normal.

Apesar de continuarem a existir inúmeras teorias e contínuas pesquisas sobre o sonho, este tema é, ainda, um dos grandes mistérios sobre o funcionamento do nosso corpo, pois continuamos a não ter a certeza sobre a razão da sua existência.

Por vezes sentimos dificuldade em controlar o curso da nossa mente. Quando se analisa ou reflete sobre determinada situação, hipotética ou real, esse determinismo é muitas vezes efémero. Por possuírem semelhanças ou serem opostas, a uma ideia segue-se outra, e outra, e outra ainda. Tratar-se-ia de um raciocínio se fosse organizado – mas o problema reside na desenfreada correria em que o pensamento se pode tornar, tal como afirma a psicóloga Isabel Leal.

Parecem rebentos a brotar uns dos outros, rivalizando, qual deles o mais súbito, largo e espaçoso. Penso que todos passámos por isso nalgum momento, mesmo que não nos tenhamos apercebido, porque a mente não se fixou ou direccionou para temas menos comuns à nossa reflexão. No entanto, se isso acontecer, os rebentos vão alastrar a uma velocidade tal que é impossível não reconhecermos que a liberdade de pensamento está a trair-nos, levando-nos para temas mais recônditos, que receamos mostrar e ponderar. Àquilo que inconscientemente escondemos até de nós próprios. É nessas ocasiões que mais damos pelo que se considera “pensar de mais”, embora eu não concorde que em situação alguma o pensar está em demasia. Acredito que possa não estar orientado, contudo, e que constantes exercícios de reflexão e introspeção podem dar cabo da sanidade de qualquer um – o que não significa, todavia, que não se deva refletir com determinados limites.

Impor limites a uma incontável onda de pensamentos parece impossível, pelo menos da maneira como foi agora descrita. Talvez seja quase incontável, afinal. Há quem sofresse por não conseguir controlar o pensamento, mas também não fazia nada para melhorar isso. Há que saber pensar. Existe uma miríade de métodos, cada um mais natural que o outro, para encaminhar o foco da mente. Tirar um tempo para a deixar vagar, percorrer tudo o que bem lhe apetecer e inventar todas as possibilidades - os temas dolorosos também merecem a devida e oportuna reflexão. Meditar, eliminando qualquer vestígio de pensamento. Treinar a concentração, dedicando-nos a atividades que exijam toda a nossa atenção. Quantos outros adequados a cada um não existirão.

E pensar que estamos, tu e eu, a pensar sobre o pensar as coisas quotidianas e mundanas. É só tomar iniciativa: se o pensamento é inerente ao ser humano e faz de nós quem somos, os dois têm de aprender a coexistir.

Isabel Gonçalves/nº14/12ºB

VIDA PARA ALÉM DA MORTE

Todos vivemos neste mundo com um objetivo e com uma dávida: viver!

Mas, antes de tudo, porque morremos? Porquê parar a nossa felicidade? E a troco de quê? Morrer é ridículo, é uma transgressão, desfaz a ordem natural das coisas. E, acima de tudo, será que existe vida para além? Será que podemos reiniciar a nossa vida?

Para alguns, vida para além da morte era e é apenas em filmes científicos, mas hoje em dia torna-se cada vez mais real e há provas verídicas que o confirmam. Pensemos assim: se todos havemos de morrer um dia, como estaremos nesse além da vida? Porque, sejamos sinceros, ninguém irá ficar cá de semente. Será que vamos ficar armazenados? Ou diante de um trono divino, em adoração, pela eternidade afora? Ou até mesmo sentados num beiral de uma nuvem branca brilhante tocando harpa e a falar com os nossos amigos? E será que a natureza dinâmica, como a do ser humano, iria suportar um estado de inatividade, inócuo e vazio para todo o sempre? Acho que ninguém fica vagueando no espaço como uma alma penada.

Todavia, é certo que cada um escolhe o seu destino. O nosso corpo físico permanecerá sempre na Terra, e essa energia é libertada para o Universo, mas a nossa alma irá persistir sempre connosco, cabendo a cada um de nós fazer o mais acertado ao longo do percurso da nossa vida. Ou seja, depois de morrermos, viajamos para um plano subtil de existência como o Céu, o Purgatório e até mesmo o Inferno, dependendo dos nossos méritos, dos pecados, do nível espiritual e da nossa crença.

Ninguém sabe o que realmente nos acontecerá quando partirmos, e esperemos que seja para um mundo melhor, sem maldade e a cor-de-rosa, em que possamos fazer tudo o que nos apetecer sem termos restrições. Acaba por ser uma incógnita, da qual não obtemos resposta, que se prolongará até a nossa vida se apagar de vez e descobriremos o que realmente se irá passar.

Ana Margarida Maduro – 12.º B

ESTADO ISLÂMICO

Podia ter sido apenas mais uma noite de sexta-feira, na qual as pessoas aproveitavam para descansar após uma longa semana de trabalho ou então para se divertirem num bar, num passeio pela praça, num concerto ou a assistir a um jogo de futebol... Assim se vivia em França, mais precisamente na capital, Paris. Conhecida como sendo a cidade do amor e das luzes, esta caracterizava-se também pela sua movimentação.

No dia 13 de outubro do ano corrente, o relógio marcava as 21 horas e 20 minutos quando se acabava de instalar o terror na capital de França... O som da banda *Eagles of Death Metal* havia sido abafado pelo barulho ensurdecedor das armas que disparavam sobre dezenas de pessoas que assistiam pacificamente a mais um concerto, no reconhecido café-bar *Bataclan*. 80 mortos e mais de uma centena de feridos, foram os resultados caóticos deste atentado por parte do Estado Islâmico sobre pessoas inocentes e que em nada interferiam com a sua religião.

Como se não bastasse, para aumentar ainda mais a dor daqueles que acabavam de perder os seus entes queridos, este foi só o primeiro de muitos dos ataques que estavam planeados por parte do *ISIS (Islamic State of Iraq and Syria)* que, infelizmente, atuou em mais uns quantos países. Mais homens-bomba, mais granadas, mais atiradores... Quer isto dizer que se sucederam mais atentados, mais mortos, mais feridos, mais dor, mais tristeza e menos luz... A *Torre Eiffel* apaga as luzes em memória daqueles que acabavam de partir e aquela que era a cidade do amor e das luzes passava a ser a cidade do terror, do medo e da agitação.

Precisamente uma semana depois, as pessoas continuam a acender velas e a colocar flores por aqueles que já não se encontram entre nós, e usam este gesto como forma de combater aqueles que nada sabem sobre amor ao próximo e se baseiam em meras futilidades para a concretização destes atos.

Este problema não afeta só a França, nem a Europa, mas sim todo o mundo. Vai de encontro a todos os valores, normas e princípios pelos quais a sociedade ocidental se rege. Por isso, devemos pôr termo à estupidez humana, ou seja, ao Estado Islâmico. Lutemos, juntos, pela *liberté, égalité, fraternité!* Por todos os países, por todos os continentes, lutemos por um mundo melhor.

Ana Isabel Almeida – 12.º D

O QUE EU FARIA COM OS 10 MIL EUROS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA MARIA DA FEIRA NO MUNICÍPIO DO PESO DA RÉGUA

A aproximadamente 150 quilómetros da nossa localidade, existe uma cidade, com relativamente o dobro da nossa população, que aposta nos jovens, colocando-lhes em mãos as decisões a tomar acerca do meio que os envolve, a fim de promover a actividade juvenil e desenvolver as capacidades dos mais novos... não fossemos nós os responsáveis pelo futuro que irá marcar a nossa história.

Deste modo, a Câmara Municipal da cidade pertencente ao distrito de Aveiro disponibiliza anualmente, há mais de 2 anos, um orçamento de 10 mil euros sob a tutela de um(a) autarca eleito(a) a partir de uma votação. É, de facto, uma prática sobre a qual devemos reflectir pois, para além da confiança depositada nos jovens por parte deste órgão de governação autárquica, é ainda de admirar a coragem, empenho e força de vontade de que são portadores estes jovens com idades que rondam os 16 anos.

Mas... O que é que eu, aluna do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades, de 17 anos, faria com esta verba?

Tendo em conta a localização de que beneficiamos, o processo de implementação deste montante seria, antes de tudo, apostado na exploração desta que é caracterizada como a capital internacional do vinho, criando atividades e/ou postos de emprego que apelassem à criatividade dos mais novos e que despertassem o interesse e a vontade de conhecer aquilo que desenha a cidade da qual fazemos parte. O objectivo de tudo isto seria alargar a predisposição para o empreendedorismo, a fim de nos tornarmos jovens autónomos no caminho para a vida adulta.

Uma outra medida passaria pela disponibilização de meios de transporte regular que circulassem não só pela cidade, como em todas as freguesias que a delimitam. Isto com o propósito de fomentar o convívio entre os adolescentes, na medida em que os níveis de interacção fariam aumentar a comunicabilidade e o progressivo aumento de bem-estar e consequente ânsia de fazer mais e melhor em prol de todos. Surgiriam mais oportunidades para debater e discutir aquilo que cada um pensa e idealiza e quiçá a própria concretização das suas ambições.

A reabilitação e criação de espaços, como por exemplo, o cinema ou um centro cultural desempenharia um papel igualmente significativo, visto que vivemos no tempo das tecnologias e descortinar conhecimentos além das quatro paredes que formam o nosso quarto tornar-se-ia uma clara vantagem, aumentando a visão que temos sobre o mundo.

Em conclusão, não pondo de parte a preservação dos espaços verdes e de áreas rurais, estes seriam os principais pontos sobre os quais me debruçaria e investiria os 10 mil euros disponibilizados pela minha Câmara Municipal. Posto tudo isto, apelo à reflexão acerca desta temática, a fim de demonstrar que até as cidades pequenas são feitas de sonhos grandes e possíveis de realizar.

Ana Isabel Almeida

12.º D | número 3

NA LÍNGUA DE CAMÕES

Os museus estão fechados, as salas de cinema esvaziam-se, os livros empoeiram-se nas prateleiras. Publicada em 1572, a obra *Os Lusíadas* conserva a atualidade e a agudeza das críticas que nela se vão deslindando. Não temos só louvores no discurso épico de Camões; está latente um lamento de um poeta que não encontra eco da obra que faz, obra essa que coroa de louros o país que condena à morte a sua própria cultura.

Ensinamos os nossos jovens a olhar para a arte como algo acessório, bastante agradável para distrair o espírito dos verdadeiros assuntos, dos problemas a sério, daquilo que, no fundo, se diz como importante e útil para a sociedade. Pouco a pouco, deixamos o quotidiano digerir-nos, o tempo foge-nos, não estica para ler um livro ou até para ouvir um álbum do princípio ao fim, agora podemos comprar faixas avulsas de coisa nenhuma. E, claro, já damos mais valor às obras públicas do que às obras-primas.

Somos herdeiros de uma cultura grandiosa e, todavia, estamos continuamente a boicotá-la. Porque Portugal continua a contar sobretudo naquilo que é contabilizável. A arte não se pode medir em números e é por isso que ela merece um respeito especial. E a arte nunca foi tratada como sendo especial em Portugal, no entanto, sempre o foi, sempre levou ao mundo o nome desta nação que se apequena quando o assunto é apoiar os embaixadores da alma.

É hora de trocar a televisão por teatros e cinemas, exposições, museus, galerias, porque afinal não podemos amar o que não conhecemos.

Margarida Almeida

12.º C

“Descobrir mais palavras, quer palavras novas, quer palavras caídas em desuso, torna mais poderosa a nossa capacidade de comunicar.”

VANTAGENS DE CONHECER CADA VEZ MAIS PALAVRAS, IMPORTÂNCIA DE USAR UM VOCABULÁRIO DIVERSIFICADO

Um vocabulário diversificado, bons hábitos de leitura, um dicionário à mão... são tudo coisas que, infelizmente, faltam, e muito, aos jovens de hoje em dia.

Há palavras que estes nem conhecem e, conseqüentemente, fazem cara de espanto quando aparecem numa frase ou num texto. Isto porque estão muito reduzidos ao vocabulário corrente e das redes sociais (“tipo”, “bué”, “tás a ver”) e esquecem-se, quase por completo, das palavras que são realmente ricas e importantes.

Hoje em dia parece que os adolescentes nunca querem adquirir conhecimento sobre nada, contentam-se com o seu vocabulário reduzido e recusam qualquer tipo de ajuda como, por exemplo, uma boa leitura.

Contudo, querendo ou não, estes pupilos irão precisar, e muito, de um vocabulário mais abrangente, pois terão de ler inúmeras obras, desenvolver respostas, fazer apresentações orais e, como é óbvio, não vão encontrar (nem nenhum bom professor aceitará) a linguagem que falam e se vê cada vez mais nas redes sociais.

Mas, felizmente, nem todos os jovens pensam desta forma. Ainda há quem acredite que as obras fantásticas que nos foram legadas são um bom estímulo ao conhecimento do vocabulário português!

Cabe também aos pais inculcar estes valores nos seus filhos, desde pequenos. Não os deixem em casa a jogar no quarto, quando os podem levar a uma biblioteca para requisitar um livro. Deixem-nos ter o “bichinho” dos debates para, assim, serem obrigados a explorar outras palavras, as “boas” palavras.

Enfim, um vocabulário diversificado abre-nos as portas para o mundo do trabalho e o mundo da imaginação, ao mesmo tempo. Além disso, facilita a nossa capacidade de comunicação.

Nós jovens, somos o futuro, Que nunca nos deixemos acanhar pelas “pobres” palavras que ouvimos e utilizamos, procurando saber e ler cada vez mais...e mais.

Ana Fernandes, 9.º D

FALA-LHES DE BATALHAS DE REIS E DE ELEFANTES

Mathias Énard nasceu em França em 1972, estudou persa e árabe e viveu largos períodos no Médio Oriente. É professor de árabe na Universidade de Barcelona, cidade onde vive atualmente. Mathias, para além de escritor, é também um ator e tradutor.

Mathias é autor de cinco romances, como por exemplo *La perfection dutir*, *Zona e Fala-lhes de batalhas de reis e de elefantes*. Finalista e vencedor do Prémio Gouncourt, publicou também dois livros de ensaio.

Começemos por falar um pouco sobre a obra que eu li: *Fala-lhes de batalhas de reis e de elefantes*. Nesta obra, Mathias apresenta um pouco da bibliografia de Miguel Ângelo no ano de 1516, entre maio e julho. Ao desembarcar em Constantinopla, Miguel Ângelo sabe que enfrenta o poderio e a cólera de Júlio II, papa guerreiro.

Mas servir o sultão de Constantinopla? Ora ali estava uma bela maneira de se desferrar do belicoso pontífice que o pusera na rua como a um indigente. E a soma oferecida pelo Grão-Turco é fantástica. O equivalente a cinquenta mil ducados, ou seja, cinco vezes mais do que o papa lhe pagara por dois anos de trabalho. Um mês. É tudo o que lhe pede Bayazid. Um mês para projetar, desenhar e iniciar a construção de uma ponte sobre o Corno de Ouro, que já tinha sido pedido por Leonardo da Vinci.

Nesta obra, verifica-se a ocorrência de características que estudámos ao longo do ano no âmbito da disciplina de Português, no 10.º ano. Primeiramente, é notória nesta obra a existência de expressões relativas a Deus e à sua presença nas vivências do escritor, o que relacionei com a poesia trovadoresca, ilustrativa de uma época teocêntrica, nomeadamente nas cantigas de amor, onde encontramos este aspeto, por exemplo em “rogu’eu a Deus, que end’á o poder, /que mha leixe, si lhe prouguer, veer”, ou em “se Deus mi perdom” ou, ainda, em “Ca em mia senhor nunca Deus pôs mal”. Já na obra de Mathias encontram-se alusões a Deus em expressões como “a sombra de Deus na terra” e “Meus Deus, tende piedade” (páginas 105 e 108).

Podemos, ainda, associar este livro com *Crónicas de D. João I*, de Fernão Lopes, pois, no livro de Mathias, conseguimos visualizar que o autor mostra narra com uma minúcia reveladora, ou seja, dá relevância às características pormenorizadas, como é visível em “Dezoito pilares dos mais belos mármore, lajes de serpentina, embutidos de pórfiro, quatro arcos de volta inteira a sustentar uma cúpula vertiginosa”, “velas, candeia, duas moedas pequenas; caldo (hortaliça, temperos, pão, azeite) outro tanto; peixe frito, dois pombos, um ducado e, meio”, entre outros exemplos (páginas 37 e 41). Na *Crónica de D. João I*, utiliza-se o visualismo para dar importância a determinado assunto, apresentando pormenores que se destaquem. O diálogo é outro aspeto que se destaca, oferecendo movimento à narração e conferindo credibilidade. A mesma obra apresenta também diálogo, que confirma as duas coisas referidas acima.

Esta produção de Mathias Énard pode ainda aproximar-se das *Rimas*, de Camões, de medida nova ou renascentista. Num capítulo da narração, constatamos a descrição da arte renascentista: “Quatro arcos curtos de um lado e do outro de um central com uma curva tão suave que é quase impercetível; assentam em fortes pilares cujas saliências triangulares rasgam as águas como bastiões.”

No início da minha leitura, foi-me difícil entender o livro, devido ao facto de a narrativa ser um pouco confusa, mas após algumas páginas lidas, incrivelmente a obra tornou-se mais simples e comecei a entender o que tentava perpassar, embora não tenha muita ligação com o título, que me cativara para a escolha deste livro. Mesmo que no início tenha pensado em deixar de ler, ainda bem que não o fiz, pois, mesmo que a obra tenha uma narrativa emaranhada e tenha sido um pouco pesada, a princípio, depois a história torna-se agradável e recompensa o tempo gasto nela.

Após ter de pesquisar tantas palavras que não sabia que existiam, apercebi-me de que ler um livro não é assim tão mau. Basta não desistir na primeira página, onde já se pode julgá-lo como chato. Não podemos desistir com facilidade, e isso foi algo que este livro me mostrou. E, claro, qualquer que seja o livro, pequeno ou grande, infantil ou mais “adulto”, isso não importa, pois todos têm algo a dizer, algo a mostrar-nos. Então, por que razão desperdiçar esta oportunidade?

Gostei bastante do livro, embora tenha perdido vários dias nele, mas como tudo tem uma recompensa, isto não foi exceção.

Inês Teixeira, 10.º C

O NOME DA ROSA, DE UMBERTO ECO

No âmbito do projeto de leitura da disciplina de Português, a minha escolha recaiu sobre o autor Umberto Eco, nomeadamente na obra *O Nome da Rosa*.

O Nome da Rosa, de Umberto Eco, tem como assunto principal as mortes que aconteceram num mosteiro, sendo estas misteriosas e indesvendáveis. O romance trata as mudanças económicas, sociais, políticas e religiosas ocorridas na Idade Média, época cujo pensamento era dominado pela Igreja.

O autor do livro nasceu a 5 de Janeiro de 1932, em Itália, e morreu neste ano com 84 anos, em 19 de Fevereiro. Além de escritor, Eco era também filósofo, linguista e semiólogo. Em 2009, presidiu à Escola Superior de Estudos Humanísticos da Universidade de Bolonha.

Podemos mesmo afirmar que Umberto Eco foi uma das mais importantes figuras intelectuais da Europa. As suas principais obras foram *O Nome da Rosa*, *O Pêndulo de Foucault* e *O Cemitério de Praga*, romances lançados em 1980, 1988 e 2010, respetivamente.

Na sua obra mais mediática, *O Nome da Rosa*, Umberto Eco retrata a história de um mosteiro da Idade Média, onde aconteciam várias mortes misteriosas, assustadoras e estranhas, que tornavam o lugar assombrado. No meio dessa situação, estava William, um monge franciscano coadjuvado pelo seu aprendiz Adso, sendo estes chamados para solucionar todas as insólitas mortes de sete monges, em sete dias e sete noites. Na chegada à abadia beneditina, o monge e o seu aprendiz deparam com o corpo de um jovem numa circunstância que poderia indicar tanto assassinato quanto suicídio. Os investigadores encontram resistência dos demais membros do mosteiro, inclusive do Abade, o que torna todos os monges suspeitos de praticar os homicídios. William e Adso acabam por não encontrar o culpado, deixando assim o mistério das mortes por desvendar.

Numa reflexão intertextual com uma obra do programa de Português, relacionei o livro *O nome da Rosa* com *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes. Ambas as obras tratam temáticas e tempos medievalizantes, sendo do género da tradição historiográfica. Tanto a crónica como o romance apresentam visualismo, dinamismo e coloquialismo, isto é, permitem ao leitor viver os acontecimentos, colocando-o perante o desenrolar das acções, e cativam-no com os factos narrados. Além destes aspetos, podemos verificar a existência de pormenorização, marcada pelas várias figuras de estilo, sobretudo pela enumeração, mas também pela comparação, pela personificação, pela metáfora, pela antítese, entre outras.

Recapitulando, *O Nome da Rosa* fala sobre várias mortes terríveis e indesvendáveis num mosteiro da Idade Média. O romance, tal como na crónica lopeana, apresenta um estilo visualista, dinâmico e coloquialista.

O Nome da Rosa pode ser interpretado como tendo um carácter filosófico, próximo do metafísico, pois nele também se busca a verdade e a solução do mistério, a partir da investigação. Os crimes propagaram-se a partir da biblioteca do mosteiro, cuja riqueza ajuda a explicar o título do romance, *O Nome da Rosa*, uma expressão usada na Idade Média para demonstrar o infinito poder das palavras.

Tendo em conta o exposto, aconselho toda a gente a ler esta obra, particularmente aqueles que apreciam tramas policiais, pois certamente, tal como eu, todos irão também gostar.

João Ricardo Borges, 10.º C

O ENCONTRO QUE DUROU PARA ALÉM DA VIDA

Já há algum tempo me tenho perguntado sobre o que é um encontro e a sua finalidade, pois este dito cujo é uma coisa diária, porque nos encontramos todos os dias com algo ou alguém. Portanto, decidi definir “encontro” como uma reunião entre algo ou alguém, tendo em conta a sua finalidade. E a finalidade só pode ser boa, visto que muitas vezes a partir destes encontros podemos rever pessoas que já não víamos há muito e podemos também resolver problemas. O que me permitiu chegar a esta definição e ao seu objetivo foi uma história que me foi contada recentemente, sem sinais de veracidade mas, assim mesmo, gosto de pensar que tem uma pontinha de verdade.

A história remonta para vários anos atrás e começa da seguinte forma:

Num belo e calorento dia de verão, pelas oito e meia da manhã, uma menina de estatura média, de pele clara e com olhos verdes que faziam contraste com o seu longo e ondulado cabelo de cor castanha, despedia-se da sua mãe e do seu pai, entrando, de seguida, para o autocarro que tinha como destino a escola.

Esta menina tinha o nome de Emma. Ela era estudiosa, carinhosa, inteligente, adorada por todos e tinha acabado de completar 16 anos. Emma nunca tinha namorado antes, pois era muito tímida e muito dedicada à escola e à sua comunidade, já que adorava ajudar os outros. Mas, já há algum tempo, ela começava-se a sentir diferente em relação ao seu companheiro de mesa, o alto e moreno John. Ele era um rapaz adorável, cavalheiro, inteligente e adorado por todos, especialmente as raparigas, e tinha também 16 anos. Eles começaram a passar mais tempo juntos e a partilhar mais informações um sobre o outro. Até que um dia John pede Emma em namoro. Sendo cavalheiro como ele era, preparou um belo jantar, com uma maravilhosa paisagem para realizar o seu pedido. Emma aceitou tão rápido como o acender de uma luz. John e Emma viveram felizes e apaixonados momentos. Cada dia que passava, eles amavam-se mais. Tudo estava a correr bem, até ao dia em que Emma e seus pais sofreram um acidente de viação, levando toda a gente a acreditar que todos tinham morrido. Quando John soube ficou destroçado e sem forças para viver.

Vinte anos mais tarde, John tinha-se tornado dono de uma grande e sucedida empresa de advogados. Passado um tempo, uma mulher morena, de olhos verdes aparece na empresa para uma entrevista de trabalho. Quando John vê aquela mulher, as lembranças de Emma vêm à sua cabeça. A mulher cumprimenta John e é aí que ele percebe que a mulher com quem estava a falar era a única que ele tinha amado e que ainda hoje ama. Emma demorou um pouco a reconhecer John mas, quando viu que aquele homem era o seu John, saltou-lhe para os braços. Depois de perceberem que ambos se tinham reconhecido caíram em grande alegria. Eles conversaram durante horas e, nessa conversa, Emma diz-lhe que nunca teve coragem de voltar à sua terra natal, pois era muito doloroso reviver os trágicos momentos que tinha passado, e que o corpo que encontraram era de outra rapariga. Depois de uns dias, eles retomaram a sua história de amor, casaram e foram pais de dois lindos filhos. Eles amaram-se até ao último suspiro, literalmente, porque o amor deles era tão forte que ambos fecharam os olhos ao mesmo tempo, e foram enterrados lado a lado. Há quem diga que o seu amor ainda permanece e que, até hoje, não houve um amor tão forte e tão puro como o deles.

Foi graças a esta história, que consegui entender o que é o encontro e aquilo que ele nos dá. Sei que é bom encontrarmo-nos. Sei que os encontros mudam as nossas vidas.

Mariana Isabel Correia - N.º 25 – 11.º E

LIBERDADE

A liberdade pode ser vista como a independência do ser humano, representando a autonomia e a espontaneidade do indivíduo. No entanto, põe-se em causa aquilo que muitos entendem por liberdade e questiona-se, muitas vezes, se a liberdade poderá ser ilimitada quando vivemos em sociedade.

A meu ver, é algo de que devemos desfrutar em toda a sua plenitude: a liberdade de escolher segundo a nossa vontade, a liberdade de agir desta ou daquela maneira, a liberdade de ser feliz.

Pensemos no caso de alguém a quem surge a oportunidade de ir realizar um dos seus sonhos, de partir para longe. Isto poderá implicar o sofrimento de outras pessoas. Porém, se esta pessoa estiver a pensar nas consequências dessa opção, não poderá seguir o seu sonho e ter a liberdade de ser feliz. Trata-se, então, de um exemplo de como a liberdade pode ser limitativa, uma vez que nem todas as consequências de agir livremente são positivas.

A liberdade não pode ser encarada como algo que não tem limite e da qual podemos usufruir sem qualquer tipo de respeito, como, por exemplo, a liberdade de expressão. Nos meios de comunicação social levanta-se uma série de questões éticas acerca do que é publicado e das afirmações que são feitas. Por isso, é indispensável que o uso da liberdade de expressão seja feito de uma forma consciente, para que não haja difamação nem a chamada “invasão de privacidade”.

Em suma, é importante que cada indivíduo respeite a liberdade alheia para que a sua seja igualmente respeitada. Para além disso, cada um tem de impor limites às suas próprias ações para que seja possível viver em comunidade.

Como se diz vulgarmente: “a nossa liberdade acaba onde começa a dos outros”.

Carolina Monteiro

N.º 7 – 12.ªA

SAI! ARRISCA! VIVE!

A juventude é, sem dúvida, a melhor fase da vida para se cometer loucuras e viver aventuras. Infelizmente, uma parte dos jovens associa as palavras “loucura” e “aventura” a uma noitada de álcool, tabaco e, quem sabe, drogas. Mas a isso eu não chamo loucura! Estupidez? Sim, talvez seja mais adequado... A verdadeira loucura não será pegar numa mala e ir viver uma semana num país estrangeiro, em casa de uma família desconhecida? A aventura de abandonar o ninho, a zona de conforto, e voar para o desconhecido...

Há cerca de pouco mais de um ano, tomei a iniciativa de me inscrever no programa *Erasmus+*. Sentia-me demasiado inativo e queria dar o meu contributo a um projeto tão interessante e aliciante como este. Desde esse momento, que muita coisa mudou... Desde então, já tive a oportunidade de participar em dois encontros: no primeiro, na cidade de *Gaziantep*, na Turquia, tendo sido acolhido por uma família local, e no último, realizado cá em Portugal, no qual tivemos o prazer de dar as boas-vindas aos nossos *exchange partners*, aqui na Régua, e mostrar-lhes tudo o que a cultura portuguesa e, em especial a região, têm de melhor. Em ambas as mobilidades, para além de me divertir imenso, adquirir novos conhecimentos acerca de culturas e países distantes, modos de viver e de pensar absolutamente distintos e vivi situações inesquecíveis.

São, definitivamente, experiências marcantes. Mas, no final, tudo o que importa são as pessoas que conhecemos e os amigos que fizemos. São impressionantes as ligações que se criam entre todos, apesar de só termos uma semana de convívio. Alunos, professores e famílias permanecem unidos pela saudade, pelas lembranças e pela esperança, que é quase uma certeza, de se poderem voltar a ver, num futuro mais ou menos próximo.

Hoje, passado um ano da mobilidade na Turquia, sinto a minha própria evolução. Sou muito mais atento à realidade que me rodeia, muito mais tolerante para com a diferença, sinto-me mais solto e empreendedor, estou muito melhor informado acerca do mundo em que vivo e tenho vários amigos espalhados por vários pontos da Europa e do Mundo. Para quem está fora, os ganhos são inimagináveis.

Nós somos os homens e mulheres do amanhã. Somos nós que vamos ser os líderes dos nossos países, os próximos a receber um *Oscar* da Academia, ou um Nobel por uma descoberta científica até então impensável. O futuro é nosso, e vamos necessitar de toda a formação e preparação possíveis. E este programa vai precisamente de encontro a essa nossa necessidade, uma vez que nos abre novos

horizontes, permite-nos contactar diretamente com culturas absolutamente diferentes e faz de nós jovens mais conscientes e preocupados com o mundo que nos rodeia.

E foi por tudo isto que considereei indispensável no meu percurso escolar e pessoal aderir a este projeto, quando a oportunidade surgiu. Era uma oportunidade única, e não estou propriamente numa idade de deixar escapar oportunidades de ouro como esta. Acredito que tudo o que aprendi até agora graças ao *Erasmus+*, e que não pode ser lecionado nas aulas, me vai ser fundamental no futuro.

O *Erasmus+* derrubou os muros da escola e deu-me Mundo!

N.º 4 – Diogo Luís Mesquita Teixeira

11.º D

PARIS, O MUNDO E O TERROR

No dia 13 de novembro, a humanidade tornou-se menos humana, com atitudes de ódio, violência e irracionalidade sem precedentes. Um massacre foi executado em Paris, que fez cerca de 130 mortos. Estas pessoas, homens e mulheres, mais jovens ou menos jovens, que numa sexta-feira à noite se divertiam num concerto, ou passavam em locais da cidade, como certamente repetidas vezes em diversos contextos o fizeram, mas nunca na consciência de que uma dessas vezes seria marcante, faria manchete nos jornais, abertura de telejornais, choros, orações, tristeza, muita dor, e uma onda de solidariedade e luto por todo o planeta. No *Bataclan*, ouvia-se música, dançava-se num teatro, onde se inspira e expira cultura, onde temos peças de comédia e de drama. Infelizmente, nesta noite, a cultura, pela primeira vez, não foi feita neste espaço, mas, sim, um atentado aos valores que pautam a França e a Europa e, de certo modo, os países do Ocidente.

O que eu quero abordar prende-se com uma questão aparentemente trivial: “Porquê?”. Não é fácil, enquanto ser pertencente a um grupo de animais racionais, perceber certas e determinadas atitudes. Como podem estes homens, independentemente da fé, (fé fanática, que verdadeiramente é uma distorção da verdadeira convicção pelos diversos credos que o homem professa), matar indiscriminadamente? Mais, como podem alegar que aparentemente o desrespeito pelo seu Deus pode justificar este ataque a pessoas inocentes alheadas deste eventual desrespeito! E agora? Se o “mundo” Ocidental respondesse da mesma maneira, e disseminasse o auto proclamado Estado Islâmico, que em boa verdade, ataca e desrespeita sem medida os valores e ideais da Democracia, Igualdade, Justiça e Fraternidade da França, da Europa e do todo o Mundo Ocidental. É incompreensível esta raiva, que incendeia o cérebro destes homens, iludidos por uma realidade que não existe, agem sem pensar na destruição que podem causar, mergulham numa profunda ignorância e monstruosidade em nome de quê? E de quem? Por mais que digam que é em nome da sua religião, não concebo essa resposta, na medida em que o Islamismo não tem estes valores na sua base.

Espero que o Mundo volte a gritar bem alto os valores da paz, da igualdade, da fraternidade e da justiça. Que ninguém baixe os braços, que situações destas não se voltem a repetir, e se inicie uma onda transversal por todo o Mundo de educação para a PAZ, para os valores democráticos e de respeito da dignidade Humana. Espero que os soldados da paz, que morreram em Paris no dia 13 de novembro de 2015, sejam mote para esta luta constante, para que no futuro situações destas não aconteçam de novo.

Pela Paz hoje e sempre!

Fátima Cristian de Araújo
N.º 10 – 12.º A

FAMÍLIAS DISFUNCIONAIS

Uma família disfuncional é uma família em que o conflito, as más atitudes e, muitas vezes, a negligência e o abuso de crianças por parte dos pais são situações que ocorrem continuamente e regularmente, podendo até estender-se a mais membros da família, que assimilam tais ações e repetem-nas perante os membros mais novos (que são geralmente os mais indefesos). A maior parte das crianças, que crescem neste tipo de famílias, pensa que vive num ambiente normal, sendo que as consequências disso se manifestarão irrefutavelmente no seu futuro.

As famílias disfuncionais resultam principalmente de adultos codependentes, em que os vícios – o tabaco, o álcool, as drogas e outros tipos de substâncias – e as doenças mentais não acompanhadas também desempenham um importante papel.

Um equívoco bastante comum quando se fala deste tipo de famílias é o facto de se pensar que estas não são mais do que famílias em que os pais estão em risco de separação ou que se chegaram mesmo a divorciar. Na maioria dos casos, o vínculo matrimonial é bastante forte na medida em que os distúrbios de um dos pais complementam os do outro e o abuso torna-se mais comum e permanente. Mesmo numa família aparentemente normal, situações como a mudança repentina ou continuada de residência, o desemprego ou a má situação económica são suficientes para causar conflitos de tal modo relevantes que afetam as crianças do agregado familiar de um modo, na maioria dos casos, irreversível.

A forma mais comum de abuso encontrada em famílias disfuncionais é a falta de empatia e tratamento desigual ou injusto de um ou mais membros do agregado familiar devido a situações banais, como a ordem de nascimento, o género, a idade, as habilidades demonstradas, entre outros. Isso, na maioria dos casos, leva à escolha, pelos agressores, de uma das pessoas do agregado, que elevam e colocam num estado de superioridade e apaziguamento em relação aos restantes, que marginalizam e tratam com desprezo.

Exemplos desse tipo de família disfuncional são bastante simples de encontrar. Suponhamos que estamos perante uma família com três filhos, em que o filho mais velho é bastante inteligente e consegue ter sempre as melhores notas da escola, chegando mesmo a entrar numa universidade de prestígio num dos seus melhores cursos. Os pais, orgulhosos desse filho, passam a negligenciar os restantes dois, chegando mesmo a tratá-los mal e a ameaçá-los com violência caso não correspondam às expectativas que lhes são impostas, ou seja, caso não sejam como o irmão mais velho.

Outro tipo comum de famílias disfuncionais são aquelas em que existe um excesso de conflitos entre os membros do agregado familiar, sendo a culpa desses conflitos colocada num terceiro membro da família. Neste caso, estamos-nos a referir a discussões em demasia, podendo muitas destas chegar a alcançar o patamar da violência ou abuso físico.

Temos como exemplo famílias em que ambos os pais discutem continuamente, podendo até chegar à violência doméstica. Estes atos de violência acabam muitas vezes por acontecer na presença dos próprios filhos que, mesmo que não tenham noção do que se está a passar e porque é que se está a passar, são acusados quer pelo agressor, quer pela vítima que é abusada. Crianças que fazem parte desse tipo de famílias geralmente crescem com distúrbios mentais que as podem fazer, alguns anos depois, repetir os comportamentos que os pais tinham com elas quando eram bastante pequenas.

Existem muitos outros tipos de famílias disfuncionais e situações em que estas se manifestam, mas é ainda complicado agrupá-las devidamente de um modo rigoroso pela comunidade científica, dado que, até há pouco tempo, bastantes profissionais (como terapeutas, agentes sociais, conselheiros, entre outros) não levavam estes casos a sério, especialmente entre as classes média e alta.

Convém destacar, por fim, que as famílias disfuncionais não possuem qualquer tipo de fronteiras em nenhum aspeto das suas vidas. Podem pertencer a qualquer classe social, financeira ou intelectual. Cada vez mais crianças e pessoas inocentes são afetadas por este tipo de casos, sendo que, anos mais tarde, continuarão o legado que lhes foi deixado pelos seus pais, mesmo que de um modo inconsciente. Por isso, este é um problema que deve ser abordado cada vez mais a partir de agora no mundo moderno em que nos encontramos.

Luana Isabel R. da Silva

N.º 23 – 12º A

Olá amor!

Parece que peguei no papel outra vez, como das vezes em que discutíamos e eu me arrependia. Nessas vezes, fazia-te chegar uma carta, bombons e flores através de um estafeta muito tímido e acanhado, que era eu. Lembro-me da tua reação na primeira vez que tudo aconteceu. Olhaste para mim desconcertada, surpreendida e desconfiada. Entreguei-te a encomenda e parti, enfiei-me no carro e zarpei do teu jardim. Mas foi apenas para poderes ler e perceber o que queria. Voltei 40 minutos mais tarde, e a tua porta estava entreaberta. Foi o convite silencioso para voltar para a tua vida, a resposta ao meu pedido. Entrei, estavas na sala e fingiste que não sentiste a minha presença, foi aí que eu pus a música e peguei na tua mão. A seguir, dançámos, dançámos até termos dito tudo, através do movimento dos nossos corpos, e da conversa que os nossos olhos faziam. Depois, foi a parte de nos amarmos, e de nos descobirmos pela primeira vez. Entregámo-nos um ao outro e dissemos tanto sem falar nada. Conectámo-nos de uma forma que não achávamos possível, juntámos respirações, sussurros, súplicas e promessas. Foi a primeira vez que entraste na minha pele, que te entranhas-te para nunca mais saíres. Aquele dia foi o nosso marco, foi aí que começou a nossa verdadeira história e a nossa batalha... Amámo-nos mutuamente e foi tão lindo. Sempre que penso nisso aparece-me um friozinho na barriga e não deixo de sorrir feito pateta.

Mas desta vez não te estou a escrever uma carta de arrependimento, mas de agradecimento. No entanto, partilham algo, são distintas mas semelhantes naquilo que transmitem. Transmitem o nosso amor, e o meu amor por ti. Obrigado amor, por me dares os melhores momentos da minha vida, e me possibilitares viver ao teu lado os melhores da tua. Sei que acabou tão cedo para ti, mas sinto a tua presença a proteger-me e a guiar-me por aí. A mostrares o caminho à nossa filha e a como ser feliz. Não sei se te disse naquela altura, mas foste uma heroína. Decidiste naquele dia, o destino da tua vida. Foi tão difícil. Aquela notícia explodiu tudo, devastou as nossas almas. Preferiste dar um mundo ao mundo, mesmo sabendo do que poderia acontecer. Orgulho-me tanto de ti, sabias que as chances de continuarem ambas na minha vida eram remotas mas prossequistes, deste-me o que mais ninguém poderia, deste-me a nossa filha e mostraste-me que o egoísmo é horrível. Foste uma vencedora e a minha musa. Aproveitaste os momentos, os teus últimos e viveste tão intensamente de forma tão iluminada. Então, chegou aquele dia, o dia em que a nossa menina nasceria. Foi um misto de felicidade, percebi pelo teu olhar que te sentias segura e que aquela decisão tinha sido a melhor do mundo. Consequistes por momentos perceber a luz que deste ao mundo, segurá-la, beijá-la, mas depois partiste. As máquinas pararam e apitaram, e o

meu coração parou, a minha alma subiu um pouco contigo mas voltou atrás, para continuar o que as nossas começaram juntas.

Hoje fizeram 5 anos, que não te posso tocar, amar, fazer rir, chorar, gritar, dançar, e que não te posso entregar estas cartas. O nosso amor está tão forte, a nossa filha é a luz da minha vida e o resto aqui na terra, a última centelha de ti. Continuei com o meu trabalho, e é tão bom poder vê-la crescer, mas horrível perceber que não estás aqui, em corpo porque em alma sempre estarás. Obrigado, meu amor, por me teres mudado a vida, por teres virado tudo de pernas para o ar e por me mostrares que há motivos para viver. Conseguiste que me entregasse a ti e que fosse refém da felicidade e do amor. Mostraste-me a luz do mundo e fizeste-me teu aliado. Amaste-me tanto, e eu a ti. E passado 5 anos digo-te que a cada dia que passa te amo cada vez mais, pois proporcionaste-me tanto sem pedir nada, deste-me aquilo que chamo a tua alma. E eu dei-te a minha.

Obrigada por o egoísmo não ser a tua característica e fica sabendo que és o mapa e a estrela que me guia e não me larga um segundo. Dizer que te amo é pouco, tu foste, és e serás sempre tudo. Mal posso esperar pelo momento em que as nossas almas se encontrarão novamente, e os nossos corpos se amem intensa, única e eternamente.

Com todo o amor e gratidão, o teu trapalhão.

Márcia dos S. Coutinho

N.º 23 – 11.º E

OCASIÕES

Fomos corrompidos
Pela maldade,
Ahh... sentimo-nos arrependidos
Por viver em sociedade...

Ela traz à tona
O representante da escuridão,
Que se senta numa poltrona
E aplaude a destruição.

Somos servos dignos
E leais,
Dos seus princípios malignos
Que para nós são tão ideais.

A beleza que damos
Às flores e aos rios,
É a que esperamos
Que nos aqueça nos dias frios.

A beleza que damos
É aquela que nunca iremos ter,
Mas damos porque gostamos...
Gostamos de receber.

E quanta mais teremos
Para oferecer?

Tive vontade,
Quase sem me aperceber,
Que queria fazer tanto
Como o sol faz para nascer.

Acordei cansado
E deitei-me vivaz.
Apetece-me estar deitado,
Mas só de pé é que me sinto em paz.

Espoleta-se em mim
Imundices e provocações,
Como um cargueiro sem fim
Que se move sem motivos nem razões.

O TRUNFO

Corre pela manhã enevoadada, um rapaz de escarlate,
Segura forte contra o peito,
Uma carta desfocada.
Olho...Fixo...Memorizo...Caminho atrás dele...
Mas ele foge e deixa para trás a carta desfocada.
Recorro aos confins da memória e decifro o naípe,
Olho mais atentamente e descubro o valor,
Analiso minuciosamente e me lembro!
É o trunfo que perdi!
Pensei que nunca mais iria estar na posse deste.
Como era belo e rústico, firme e marcante,
Aquele belo trunfo que eu não usei...
Ai se eu tivesse trunfado...
Mas a névoa daquele dia,
A mesma névoa de hoje,
Não me deixou.
Derramo a tristeza agora,
Sobre o trunfo que não foi usado,
E que agora me foi trazido,
Pelo rapaz de negro.
Ou será escarlate?
A carta fica desfocada novamente,
E um outro rapaz,
Rouba brutalmente aquele trunfo opaco.
Recomeço a caminhada,
E vejo lá no fundo a oportunidade de trunfar...

Paulo Alexandre Mesquita Pereira
N.º21 – 11.º B

MARES BANAIIS

Há sorrisos que não esquecemos,
Mundos que não vivemos
E alegrias que nunca teremos...
Mas que alegam mais facilmente
Do que este mundo diferente
Que conhece os sorrisos da gente.

Há mares para lá do mar,
Que têm mais vida
Do que oxigénio no ar...
Esse ar respira-se mais docilmente,
Torna a vida diferente
E faz viver o mar calmamente.

Está indefinido o motivo
Para estares tão no ativo,
Em todo o meu sentido...
Mas sinto claramente,
Como o sol que brilha espontaneamente,
Que és o motivo mais sorridente...

De quem não sei,
Posso ser eu, ou um eu que enterrei,
Pois só a ti é que não alterei.
Haveria eu de alterar a perfeição?
Alterar alguém por quem tenho uma afeição?
Não! Afeiçoei-me à rejeição!

Daniel – 12.º C

Dia Mundial da Alimentação

Comemorações saudáveis e extrovertidas na Escola da Régua.

No dia 16 de outubro, Dia Mundial da Alimentação, os alunos da Escola Básica da Régua reuniram-se na cantina para festejar este dia.

Esta iniciativa teve como objetivo sensibilizar a comunidade educativa para os bons hábitos alimentares pretendendo-se mudar hábitos, atitudes e gostos.



As comemorações deste dia assentaram num conjunto de atividades (danças, teatro e canto) levadas ou dinamizadas quer por alunos do 2.º Ciclo, quer pelos alunos do Vocacional A.



No final, sob a responsabilidade do Vocacional, houve distribuição pela assistência de gelatinas com fruta e uns marcadores de livros que os mesmos realizaram nas aulas de Informática.

Todos os alunos se divertiram e aprenderam que para crescer saudáveis, têm de ter uma boa alimentação (**completa, equilibrada e variada**).

PROJETO “PORTUGUESE HALL OF FAME”

As turmas 8.º 1, 8.º 2, 8.º A, 8.º E e Vocacional de Secundário apresentaram na segunda-feira, dia 22 de fevereiro, o resultado do projeto desenvolvido no âmbito da disciplina de Inglês, intitulado “Portuguese Hall of Fame”, a toda a comunidade escolar e deram, de uma forma original, as boas vindas aos alunos e professores provenientes de diferentes países da Europa no âmbito do Programa de Intercâmbio Erasmus.

Os alunos do Ensino Vocacional de Secundário começaram por mostrar em *powerpoint* dezenas de grandes nomes e individualidades de nacionalidade portuguesa das diferentes áreas e quadrantes da nossa história passada e atual, que nos orgulham de sermos lusitanos e que levam o nome de Portugal além fronteiras pelos seus feitos e pelas suas conquistas.

Seguiu-se logo a canção “*Hall of Fame*”, da banda irlandesa *The Script*, com participação especial de *will. i. am.*, integralmente interpretada em Língua Gestual Portuguesa pelas nossas alunas bilingues Marta Salgado e Inês Teixeira, ao lado dos seus colegas do 8.º 1, 8.º 2, 8.º A e 8.º E que, por sua vez, as acompanharam no refrão em LGP e exibiram as suas medalhas e troféus numa coreografia divertida e inspiradora que enaltece o valor dos nossos alunos, a qual celebra as suas conquistas e reconhece o seu mérito.

Agradecemos o empenho da intérprete Taís Maia, que nos ensinou a interpretar esta canção em LGP, bem como a simpatia e a prontidão dos alunos da Rádio EJAC e dos auxiliares de ação educativa.

Iremos passar na íntegra a apresentação “Portuguese Hall of Fame” no átrio do Pavilhão Administrativo e expor os adereços, que usámos na coreografia, na vitrine ao pé da Biblioteca.

FUTUROS GESTORES...

Tudo começou com a iniciativa tomada por alguns alunos da Escola Secundária Dr. João de Araújo Correia quando decidiram inscrever-se no concurso *Young Business Talents* (YBT), que consistia na simulação de todo o tipo de decisões tomadas dentro de uma empresa.

As equipas constituídas foram apresentando durante o ano lectivo variadas simulações, tendo sido apurados para a fase final vinte e dois alunos, que iriam representar a nossa escola na final nacional que se realizou no passado dia seis do presente mês, no edifício da alfândega do Porto. Os alunos contaram com a colaboração do município do Peso da Régua, que disponibilizou o transporte de ida, bem como o apoio das docentes Helena Varela e Celina Ferreira, que nos acompanharam.



Foi com muito orgulho que, de entre setenta e cinco equipas participantes, saiu vencedora, com um prémio de duzentos euros, uma das seis equipas do nosso estabelecimento de ensino. Estão de parabéns todos os alunos participantes, pois conseguiram “escrever” o nome da nossa escola com letra maiúscula numa competição nacional.

Esperamos que, doravante, iniciativas deste género sejam mais apoiadas, estimuladas e valorizadas por quem de direito.

Maria Dias – 12.º C

BIBLIOTECA ESCOLAR

ELOS NA COMUNIDADE

As bibliotecas do Agrupamento João de Araújo Correia incluem-se na Rede de Bibliotecas Escolares e desenvolvem a sua atividade enquadradas pelas suas orientações e pelo Plano Nacional de Leitura.

Assumindo-se como uma unidade orgânica e funcional distribuída por quatro espaços, a Biblioteca integra-se no processo educativo e é um polo dinamizador da vida pedagógica do Agrupamento. Direciona a sua ação para quatro domínios fundamentais: Apoio ao currículo; Leitura e literacias; Projetos e parcerias e Gestão da biblioteca escolar.

Tendo em vista o **apoio ao currículo** e a melhoria das aprendizagens, a BE desenvolve competências e hábitos de trabalho dos alunos, baseados na consulta, tratamento e produção de informação. Para isso, promoveu os concursos *Turma OK*, *Faça Lá um Poema*, *Elos de Leitura em Cartaz*; atividades como os *workshops* de Ilustração e de Tinturaria Oriental e projetos no âmbito da aplicação do *Referencial Aprender com a BE* e *Biblioteca à Tua Medida*. A articulação com os grupos disciplinares concretizou-se, também, com as múltiplas exposições realizadas ao longo do ano, que enriqueceram significativamente as atividades *A Comemorar também se Aprende*.

Ainda neste domínio, a Biblioteca organizou a palestra de sensibilização "Constrói o teu Futuro", com a colaboração do Gabinete de Psicologia Escolar, a Coordenação dos Diretores de Turma do Ensino Secundário e o GAAF – Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família e promoveu a literacia da informação através das sessões de formação para docentes sobre "Aplicação do Referencial Aprender com a BE".

Sendo uma estrutura vocacionada para a **promoção da leitura**, das literacias e do sucesso escolar, desenvolve o seu trabalho de articulação entre escolas, ciclos e grupos disciplinares do Agrupamento, integrando-se na Rede Concelhia de bibliotecas (RBPR), numa lógica de parceria e rentabilização de sinergias. Assim, foram dinamizados projetos globalizantes, tais como a *Semana da Leitura*, *Ler... Comunicar... Integrar* (com o grupo de Educação Especial) e *Leituras d'Oriente e d'Occidente*, que tiveram forte envolvimento dos pais e restante comunidade.

O gosto pela leitura tem sido impulsionado através do desenvolvimento dos projetos *Leitura em Vai e Vem*, *Caixinhas das Surpresas*, *Os Pais Contam e Leem na Escola*, *Biblioteca ConVida*, *Amostras para Ler+*, *Li e Recomendo* e *Melhor Leitor do Mundo*. Também a dinamização dos concursos de leitura *Saber... aLer*, *Ler é Crescer*, *Conta-nos uma história* e *Concurso Nacional de Leitura* promove a criação de uma comunidade de leitores competentes, críticos e autónomos.

Neste ano letivo, foram realizados vários encontros de alunos de diferentes níveis de ensino com os ilustradores Rui Castro e Sónia Pais e os escritores João Pinto Coelho, Manuela Ribeiro, Isabel Ricardo e Madalena Barreto Conrado, em parceria com a Biblioteca Municipal. Estas sessões dinâmicas, que incluíram ainda as apresentações da companhia de teatro Atrapalharte, constituíram pontos altos no incentivo à leitura e contribuíram, de forma lúdica, para o desenvolvimento pessoal e cultural das crianças e jovens.

A BE promove a valorização das escolas na comunidade, através do desenvolvimento de **projetos** e **parcerias** internas e externas e da sua divulgação em sítios *web*, *blogues*, *facebook*, *flyers*, *outdoors* e exposições. Têm especial relevância as parcerias estabelecidas com a Biblioteca Municipal, Câmara Municipal, Associações de Pais, Museu do Douro, Universidade Sénior e Tertúlia João de Araújo Correia, que implicam um acréscimo da visibilidade, credibilidade e projeção local e social do Agrupamento.

Sendo um serviço aberto à comunidade, a BE promove, também, a realização de sessões de formação para pais, como a última sobre “Regras e Limites na Educação Infantil”, com a colaboração do Serviço de Psicologia do Agrupamento de Escolas. Pretende-se, deste modo, contribuir para o desenvolvimento de competências parentais e para o incremento da participação dos encarregados de educação e famílias nas atividades da escola.

No que diz respeito ao domínio da **gestão** da BE, esta visa essencialmente a melhoria da qualidade dos serviços e a gestão sustentável dos recursos. Nesse sentido, é facilitado o acesso e a participação de todos os elementos da comunidade e são realizados empréstimos interbibliotecas, numa lógica de rentabilização dos meios disponíveis.

Existe também um cuidado constante para dotar a escola dos recursos adequados às necessidades das várias áreas curriculares e dos diferentes públicos, promovendo a igualdade de oportunidades e o esbatimento de diferenças sociais. Para esta tarefa permanente e inacabada, são auscultados regularmente docentes, não docentes e utilizadores em geral.

A concretização de todas as atividades e o desenvolvimento dos projetos referidos anteriormente apenas têm sido possíveis com a colaboração entre os vários elementos da equipa das bibliotecas e a articulação com docentes e órgãos de gestão do Agrupamento. Só assim, nesta época de sucessivas mudanças a nível social e educacional, a Biblioteca Escolar consegue dar o seu contributo para a transformação da informação em conhecimento e para a criação de uma comunidade solidária e de partilha.

Continuamos a contar com a colaboração de todos, tal como a comunidade pode contar com a Biblioteca Escolar para, juntos, alcançarmos os desejados resultados de aprendizagem e de sucesso.

Pela equipa da Biblioteca Escolar

*ELEIÇÕES PARA O CONSELHO GERAL
DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS JOÃO DE ARAÚJO CORREIA*

Terminado o ciclo anterior de quatro anos, é altura de se proceder à eleição do novo Conselho Geral para o próximo quadriénio.

Assim, foi aberto o procedimento eleitoral, que culminará no próximo dia 6 de junho, data das eleições para o Conselho Geral do Agrupamento de Escolas João de Araújo Correia.

Apresentam-se ao ato listas representativas dos docentes, dos não docentes e dos alunos do ensino secundário.

O ato eleitoral decorrerá na escola-sede e na Escola EB 2,3, das 9h00m às 18h00m, ininterruptamente.

UM TRIBUTO A ...

Para terminar o ano letivo, os alunos das turmas do 8.º 1, do 8.º 2, do 8.º A, do 8.º E e do Vocacional de Secundário deixam, sob a orientação da professora Maria Augusta Cruz, uma justa homenagem ao Camaleão da música David Bowie, e ao Génio de Prince. Dois artistas plurifacetados que deixaram a sua marca de forma indelével e que serão para sempre recordados por tantos outros, cujas referências musicais passam também por estes dois grandes Senhores.



Lembramos igualmente os nossos queridos conterrâneos: a fadista Fernanda Peres; os realizadores de TV e de Cinema, Noémia Delgado e Vasco Nunes; os atores José Boavida, Francisco Nicholson, Nicolau Breyner, Jorge Sequerra; os políticos António de Almeida Santos e Ornelas Camacho, entre outros que nos deixaram este ano.





Escolas | **João de Araújo Correia**

Jornal Escolar

2015/2016



Colaboração

- . Conselhos de Docentes
- . Departamentos Curriculares/Áreas Disciplinares
- . Órgãos de administração e gestão do Agrupamento de Escolas
- . Pessoal não docente
- . Alunos
- . Associação de Estudantes
- . Associação de Pais e Encarregados de Educação
- . Outros...

Equipa

- . Professora **Rosa Maria Ferrão** - Grupo 300
 - . Professor **Paulo Pereira Guedes** - Grupo 300
 - . Professor **Rui Armando Guimarães** – Grupo 530
-